

Graduanda: JULIA MAFRA BRIENZA

Orientadora: Professora Doutora Luciana Romano Morilas

Vantagens e desafios no avanço da internacionalização na graduação da FEA-RP – USP

RESUMO

BRIENZA, Júlia Mafra. **Vantagens e desafios no avanço da internacionalização na graduação da FEA-RP - USP. 2012.**

Na antiguidade, estudantes viajavam simplesmente porque não existiam instituições onde viviam, diferentemente do cenário contemporâneo, com mais de 17.000 instituições de educação superior em 184 países e territórios. A internacionalização da educação superior prepara os graduados para o trabalho em um mercado global e objetiva a conectar as instituições, estabelecer o entendimento mútuo entre as nações e criar condições para um mundo mais pacífico (NAFSA, 2012). Busca-se, portanto, identificar os passos comuns que as universidades seguem para a internacionalização da educação de nível superior, com o objetivo de recuperar informações e guiar os passos que a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP) ainda precisa cumprir para alcançar considerar-se “classe mundial”, conforme determinado no Plano de Desenvolvimento Institucional da USP. Foram levantados dados dentro da Universidade e dentro da FEA-RP, como forma de levantar um histórico institucional que oriente os passos futuros. Abordam-se aspectos administrativos e institucionais, tratando das várias questões envolvidas, como a pesquisa, a mobilidade estudantil, os convênios e a acreditação internacional. A pesquisa é exploratória qualitativa e, por meio de entrevistas junto às demais unidades da USP Ribeirão Preto, busca identificar o estágio de internacionalização, comparando-o com o estágio em que a FEA-RP se encontra. A conclusão traz uma reflexão sobre as especificidades da internacionalização, seus aspectos positivos e negativos. O pensamento atual percebe a educação superior como uma mercadoria a ser comercializada livremente e como um bem privado, não uma responsabilidade pública. A proposta deste trabalho é fazer um paralelo, uma vez que a FEA-RP se constitui uma escola de negócios, no entanto, em um espaço de Universidade Pública.

Palavras-chave: Internacionalização, Educação Superior, Globalização.

INTRODUÇÃO

A mobilidade estudantil, embora significativa, consiste em apenas um das componentes do cenário contemporâneo (Gürüz, 2008). Segundo Hudzik (2011), a internacionalização pode-se constituir um meio para preparar os graduados para a vida e o trabalho em um Mercado global de produtos, serviços e idéias. Além de formar um cidadão global, capaz de ampla e efetiva participação cívica, a internacionalização pode aproveitar recursos voltados para a pesquisa institucional para um amplo conjunto de finalidades, como segurança em casa e no exterior, desenvolvimento econômico, social e cultural em um mundo com fronteiras cada vez menores. A internacionalização consiste em uma parte essencial para o futuro, e o ensino superior é um elemento central na economia global baseada no conhecimento. (Enders, 2004).

Para Altbach & Knight (2007), globalização e internacionalização são relacionadas, mas não a mesma coisa. A globalização reflete o contexto das tendências econômicas e acadêmicas que fazem parte da realidade do século XXI (integração da pesquisa, uso do inglês para comunicação científica, o crescimento do mercado internacional de trabalho e o uso da tecnologia da informação), enquanto internacionalização inclui as políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos e instituições, e até mesmo indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico internacional. A globalização da educação superior implica no paradigma que reconhece as instituições de ensino não apenas localmente, mas como um recurso regional e global, conectado (Hudzik, 2011). Atualmente, percebe-se a educação superior como uma mercadoria a ser comercializada livremente e como um bem privado, não uma responsabilidade pública. Conforme esclarecem Altbach e Knight (2007), Universidades tradicionais sem fins lucrativos também entram no mercado internacional, sendo esta internacionalização movida não por intuítos financeiros, mas pelo desejo de aumentar a capacidade de pesquisa e conhecimento, bem como ampliação da compreensão cultural, o que se aplicaria à FEA-RP.

Universidades são instituições que, em todas as sociedades, têm exercido as funções básicas que resultam da combinação de papéis culturais e ideológicos, sociais e econômicos, educacionais e científicos, contribuindo para geração e transmissão de ideologias, formação de elites, desenvolvimento social e modernização das sociedades educacionais, produção e aplicação do conhecimento, e da formação e treinamento da força de trabalho altamente qualificados (Enders, 2004). O tema internacionalização está expresso no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade de São Paulo (USP), no que diz respeito à internacionalização da graduação. O PDI deixa clara a missão da universidade que

parte da previsão do artigo 2º do Estatuto da USP (Resolução nº 3461, de 7 de outubro de 1988.), e determina a seguinte Visão da USP:

Tornar-se uma universidade de classe mundial, fortemente enraizada em nossa história, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável do país e respondendo de maneira crescentemente qualificada e inovadora aos anseios da sociedade contemporânea, comprometida com o avanço da ciência, da tecnologia e da cultura para a melhoria da qualidade de vida.

Uma vez que se tornar uma “universidade de classe mundial” faz parte da Visão e, portanto, do interesse da Instituição em que a FEA-RP se insere, a Unidade deve-se empenhar em, a partir dessa visão, internacionalizar a Unidade de modo a impulsionar a Universidade na consecução de seus objetivos institucionais.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Pode-se encarar como objetivo geral desta pesquisa, conhecer melhor como se dá a internacionalização de universidades. São os objetivos específicos:

- Identificar os passos comuns para a internacionalização da educação em nível superior, incluindo-se acreditação, verificando, ainda, desafios e vantagens do processo para a FEA-RP;
- Verificar a política de internacionalização da Universidade de São Paulo;
- Verificar quais passos a FEA-RP precisa cumprir para considerar-se “classe mundial”, ou seja, com requisitos básicos para a internacionalização de seus cursos de graduação.

A partir desses objetivos, busca-se comprovar a hipótese de que a internacionalização é um caminho que a FEA-RP deve buscar com prioridade dentre seus planos institucionais para assegurar tanto a qualidade de seus cursos quanto a vanguarda de sua atuação no mercado internacional.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa exploratória qualitativa, realizada por meio de estudo bibliográfico, que aborda a importância da internacionalização desenvolvida nas instituições de ensino superior. A natureza qualitativa, segundo Minayo (1993), tem como sujeito de estudo: gente em determinada condição social, pertencente a determinado grupo

social ou classe com suas crenças, valores e significados. O objeto da pesquisa qualitativa deve ser entendido como complexo, contraditório, inacabado e em permanente transformação.

O local de estudo consiste na Universidade de São Paulo, e mais especificamente, na FEA-RP. Em princípio, realiza-se uma coleta bibliográfica a respeito do tema. Este projeto utiliza única e exclusivamente das instalações disponíveis na instituição, como computadores, bancos de dados e bibliotecas. A metodologia referente à pesquisa propõe um estudo qualitativo das instituições que envolvem a internacionalização da FEA-RP, as políticas de internacionalização da USP bem como os modelos de internacionalização identificados em revisão bibliográfica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Modelos de internacionalização

A internacionalização da educação superior consiste em um tópico multifacetado, que abrange elementos que dizem respeito aos programas de currículo, como ensino em língua estrangeira, pesquisa e estudos internacionalizados (mobilidade de profissionais), mobilidade estudantil por toda a graduação ou parcial (NAFSA, 2012). Para ser bem sucedida, deve envolver participação ativa e responsável da comunidade acadêmica em redes e parcerias globais (NAFSA, 2008). Segundo Altbach e Knight (2007), esforços para monitorar as iniciativas internacionais e garantir a qualidade são essenciais para o ambiente internacionalizado da educação superior.

Propõe-se então pensar a internacionalização enquanto um processo, sendo a dimensão internacional movida por diferentes razões e motivações (Qiang, 2003). Segundo o autor, o modelo de Warner's (1992) aborda a transformação social, sugerindo que o objetivo mais importante da internacionalização é de dar aos alunos uma consciência mais profunda sobre as questões internacionais e interculturais relativas à equidade e à justiça, propiciando ferramentas para trabalhar ativa e criticamente para a transformação social.

Conforme proposto por Hudzik (2011), é necessário compreender os diferentes significados dos termos a respeito da internacionalização. Por exemplo, a internacionalização do Campus diz respeito à estrutura física e aos serviços relacionados a esta, que proporcionem um ambiente conectado globalmente. A mobilidade internacional consiste no movimento dos estudantes inseridos em uma cultura diferente, em outro sistema de valores, vivenciando o ambiente da faculdade, justificando-se a coexistência com o espaço internacionalizado.

Um novo termo vigente em relação ao tema consiste em “Mindset”¹ segundo definição do Financial Times Lexicon. A expressão combina uma ampliação de consciência da diversidade entre culturas e mercados com uma propensão e capacidade de reconhecer padrões comuns nestes. Uma mentalidade global pode ser mensurada por escala de eficiência intercultural e inventário de competências globais, por exemplo.

Classificação da Internacionalização

Altbach e Knight (2007) abordam os diferentes tipos de internacionalização, constituindo-se estes em internacionalização tradicional, internacionalização européia, internacionalização de países em desenvolvimento, e por iniciativa individual. O caso em estudo consiste em internacionalização de países em desenvolvimento, que hospedam um número significativo de estudantes estrangeiros, buscando melhorar a qualidade e composição do corpo docente, ganhar prestígio e renda, além de visibilidade internacional.

O desenvolvimento histórico e as políticas nacionais de Ciência e Tecnologia vêm acarretando, na realidade brasileira, o predomínio do *modelo periférico* de internacionalização da educação superior, ou seja, a internacionalização está focada na pós-graduação, e não na universidade como um todo (Morosini, 2011). Lima et all (2008) levantam que diferentemente do tipo de internacionalização que predominou até recentemente no país (ancorada a atividade de ensino e pesquisa na pós-graduação), os estudantes são identificados como aqueles que mais pressionam no investimento de programas que fortaleçam a internacionalização, seguidos pela direção e pelos professores.

Hudzik (2011) explora a idéia emergente sobre internacionalização, adotando o termo Internacionalização Compreensiva (CI). CI seria um paradigma para pensar holisticamente sobre a educação superior e como a internacionalização está inserida no século XXI nos Estados Unidos. O propósito desta abordagem não está em pré-determinar um modelo ou conjunto de objetivos, mas reconhecer diversas abordagens para a CI, permitindo que cada instituição escolha seu próprio caminho segundo sua missão, recursos e valores. “Internacionalização é mover-se da periferia para o palco central do campus”² (op. cit., p.10).

Política de internacionalização na USP e na FEA-RP

Nenhuma unidade da Universidade de São Paulo é acreditada por organizações internacionais, sendo que a acreditação se aplica às escolas de negócios. No caso a Faculdade

¹ “Mentalidade global” (tradução deste autor)

² “Internationalization is moving from the periphery of campus to campus center stage.” (Tradução deste autor)

de economia, administração e contabilidade, tanto no campus de São Paulo, bem como no de Ribeirão Preto encontram-se em processo de preparação para posteriormente adquirir uma acreditação. Conforme exposto no Plano de Desenvolvimento Interno (2012-2017), a Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais (VRERI) tem como objetivo formular a política de internacionalização da instituição, promover a dinamização e expansão de sua atuação internacional. Menciona-se ainda que este Vice-Reitor assessora o Reitor em assuntos de sua competência, bem como os órgãos centrais e as unidades de ensino e pesquisa, na área de cooperação acadêmica Internacional.

Internamente, cada uma das unidades da USP deve ter estruturado uma Comissão de Relações Internacionais (CRint). A CRint tem a função de regular as ações voltadas à internacionalização da Unidade e é composta por um representante docente de cada curso, um representante discente e um representante dos servidores técnico-administrativos dessa área, que também exerce função de secretário. Cada curso possui um Escritório de Relações Internacionais, composto por funcionários administrativos sob coordenação do presidente da CRint respectiva.

A partir de 2006, a USP campus Ribeirão Preto passou a contar com o Centro de Apoio ao Estudante Estrangeiro (Capee), sendo a primeira e única unidade a apresentar a iniciativa. Segundo a Fernanda, funcionária responsável pela área, a idéia consistia em atrair mais estrangeiros para a USP do interior, no sentido de oferecer suporte para a parte burocrática e infra-estrutura para facilitar a vida do estrangeiro. O foco consiste na infra-estrutura, burocracia, uso do campus, moradia e serviços da cidade, promovendo a internacionalização do espaço físico em si. O estrangeiro devidamente registrado, e com o visto de estudante, tem acesso ao campus como qualquer outro aluno ingressante pelo vestibular. Por lei, a admissão de estrangeiro em situação irregular na USP é passível de multa. Ainda não existe um preparo formalizado dos funcionários do campus, apenas aqueles responsáveis pela CRint de cada faculdade recebem um treinamento de multiculturalismo. O envolvimento dos funcionários com a internacionalização parte de iniciativa pessoal, quando estes uma vez que se identificam com o tema, pesquisam e se envolvem.

A Comissão da FEA-RP é denominada “International Office” e acaba de ser reestruturada por portaria da Direção, composta por representantes e respectivos suplentes de cada um dos cinco cursos da unidade. Não constitui órgão da administração, mas sim parte integrante da estrutura administrativa da FEA-RP. A Comissão cuida da gestão estratégica dos convênios e das relações internacionais e o International Office se encarrega da gestão

administrativa que promove a internacionalização da unidade. Entre as atividades desenvolvidas estão: promoção da mobilidade internacional para alunos de graduação, pós-graduação, docentes e membros da equipe técnica-administrativa, gerenciar e administrar os convênios internacionais (de mobilidade, pesquisa, fomento etc.), recepção a visitantes de delegações estrangeiras, organização de eventos para promoção e integração cultural entre brasileiros e estrangeiros, auxílios a alunos estrangeiros (recepção, matrícula, orientações, curso de português), entre outras.

A FEA-RP estabeleceu seu primeiro convênio acadêmico internacional em 2006, quando desmembrou-se oficialmente da Comissão de Relações Internacionais – CRInt FEA-SP-USP. A Comissão de Relações Internacionais restou consolidada apenas recentemente, depois de 2006, como uma área interna na estrutura básica de todas as unidades, com ao menos um professor envolvido, quem preside a área. Segundo Leonardo, funcionário do International Office, a FEA-RP recebe cerca de 40 estudantes por semestre e possui até o presente momento 76 convênios firmados (número a se completar no ano de 2012), em contraposição à FEA-SP, a qual recebe de 80 a 120 alunos por semestre e possui cerca de 100 convênios.

O International Office da FEA-RP constitui a iniciativa mais desenvolvida da área no campus de Ribeirão Preto. A estrutura física consiste em uma sala na FEA-RP, vinculada à Seção Técnica de Convênios e Projetos. Formada por dois funcionários, Valéria e Leonardo, e uma estagiária. Não possui sala de reuniões. Atualmente, a demanda de internacionalização vem sendo cumprida a partir de três focos principais: oferecimento de disciplinas em inglês, acreditação internacional e dupla diplomação, conforme delineado no documento que compõe o planejamento estratégico vigente na unidade. A direção, a partir do planejamento estratégico, visa à implementação de cursos em inglês para alunos, e oferecer curso de inglês para que os professores se qualifiquem para ministrar disciplinas no idioma internacional. O foco no curto prazo consiste em aumentar a demanda de oferecimento de disciplinas em inglês. Assim, para a capacitação dos professores, está definido no planejamento estratégico que serão buscadas parcerias com outras unidades da USP, e mesmo com a Universidade Federal de São Carlos, que detêm expertise na área, para a contratação cursos de inglês para os professores com o foco específico de ajudar na expressão oral em sala de aula. Assim, uma das propostas já em fase de implementação trata-se de contratar alunos bolsistas para a tradução de programas, elaboração de slides e aplicação de provas em inglês – monitoria de bolsa para auxiliar professores (sendo três alunos previstos para o segundo semestre de 2012).

Uma proposta para a realização do duplo diploma seria pensá-lo a partir de uma universidade conveniada anteriormente. Há um início de entendimento com a Euromed, na França, mas ainda nada oficial. O International Office da FEA-RP enfrenta uma série de limitações que dificultam que se cumpra com o intuito de internacionalização. Pensar o processo de internacionalização da unidade implica em se preparar para receber alunos estrangeiros, mas também oferecer uma estrutura que prepare os alunos da FEA-RP para uma inserção internacional. Por exemplo, menciona-se a dificuldade do International Office para montar e coordenar curso de português para estrangeiros, sendo pouco estruturado o curso atualmente oferecido. Ainda quanto aos idiomas, as disciplinas em inglês devem ocorrer em maior número e a oferta deve abranger todos os alunos. A unidade necessita de pessoal capacitado para fazer análise e alteração de grade para viabilizar o duplo diploma, o que demanda tempo e recursos. Sob a perspectiva do multiculturalismo, menciona-se a necessidade de maior participação e envolvimento dos próprios alunos com organização e recepção dos estrangeiros.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A problemática levantada incide sobre o assegurar benefícios para o ensino superior público, e não apenas visar a lucratividade do setor na educação superior internacionalizada, segundo Altbach e Knight (2007). O que se verifica principalmente na internacionalização do ensino nas escolas de negócio é que o objetivo buscado é a lucratividade, pois essas escolas são eminentemente privadas. No Brasil, as únicas faculdades de negócios acreditadas são as privadas.

A acreditação no ensino superior não consiste em um novo conceito. Segundo a Association to Advance Collegiate Schools of Business, AACSB, a acreditação está em vigor há mais de cem anos em certas regiões do mundo, consistindo em um processo voluntário e não governamental. A idéia consiste na avaliação externa sobre a habilidade da escola em prover programas de qualidade, revisões realizadas por comitês, desenvolvimento de planos estratégicos, revisão da missão da escola, qualificação da faculdade e currículos. A acreditação visada pela FEA-RP em um primeiro momento consiste na AACSB, a qual o INSPER(Instituto de Ensino e Pesquisa), e a FGV-SP (Fundação Getúlio Vargas, SP – Escola de Administração de Empresas de São Paulo) possuem.

A acreditação consiste na etapa mais longa do planejamento estratégico em desenvolvimento. Em um primeiro momento, a FEA-RP se tornará associada, e em um prazo médio de 6 anos, passará a ser acreditada. Algumas das variáveis envolvidas consistem na

oferta de disciplinas em inglês, estrutura física, número de professores, estabelecer missão, visão e valores bem definidos. A princípio, obter uma acreditação seria suficiente, e a partir do momento em que a escola obtiver a primeira, seria mais fácil aderir à uma segunda por já cumprir com vários critérios de qualidade. O International Office está em processo de negociação para obter a acreditação concedida pela ACSSB, por ser mais visível e por acreditar a unidade toda e não apenas alguns programas.

Vários são os desafios identificados para a internacionalização em uma escola de negócios pública: faltam incentivos financeiros para a graduação, falta tempo e pessoal especializado no trabalho, há excesso de burocracia, pode ocorrer perda de informações em razão da rotatividade de estagiários no International Office. Outro aspecto relevante consiste na gestão dos recursos e nas parcerias público x privado. Os estágios para estrangeiros carecem de melhor regulamentação, sendo crescente a demanda de estrangeiros por estágios no Brasil. Para oferecer disciplinas em inglês, estas precisam ser disponibilizadas em português. Segundo o princípio *vernaculum*, as disciplinas precisam ser disponibilizadas no idioma oficial do país. Com consultas na procuradoria geral, a FEARP conseguiu autorização para oferecer disciplinas em inglês mediante o duplo oferecimento. Porém a aprovação das emendas e programas dessas disciplinas é extremamente burocrática e deve ser iniciada, por exemplo, até março de um determinado ano para que possam entrar em vigor no primeiro semestre do ano seguinte, ou seja, quase um ano depois, podendo ainda ocorrer entraves que aumentem esse prazo.

A internacionalização da unidade melhora o reconhecimento no exterior. Quando mais estrangeiros a FEA-RP recebe, melhor de torna a pontuação na Capes, o que contribui para aumentar as verbas provenientes do CNPq. A pontuação nos rankings internacionais potencializa as condições de trabalho em um mercado internacional. O fenômeno internacionalização é relativamente novo no país, no entanto a burocracia não deve se consistir em um entrave.

A internacionalização implica nos seguintes resultados para os alunos: Visão de mundo diversificada e global, compreensão das dimensões internacionais da área principal de estudo, comunicar-se efetivamente em outro idioma, compreender a importância da sensibilidade e adaptabilidade na comunicação intercultural e experiências em grupo, experiência fora do país e continuar a desenvolver competências globais ao longo da vida. Os resultados para a faculdade e para os membros do corpo docente deverão ser de competências globais, docentes

irão participar ativamente com suas competências globais no campus, e engajamento em comunidades acadêmicas internacionais.

CONCLUSÕES

A internacionalização do campos requer profunda compreensão e valorização do contexto institucional, (Coryell et all, 2010). As diferenças nas universidades americanas no estudo indicam que não existe uma maneira única de implementar a educação internacional em toda a instituição. No entanto existem idéias comuns nas quais a instituição pode se basear. A proposta deste trabalho é promover uma mentalidade transnacional, pensar a internacionalização da instituição e ver a internacionalização como uma necessidade para a manutenção do prestígio da Universidade de São Paulo. A internacionalização deve ser considerada como uma missão central da instituição, vinculando-se a idéia de melhoria da qualidade da educação.

Os desafios para o International Office explicitam-se pela sua estrutura física e pela alta demanda de trabalho. A rotatividade de estagiários ocasiona perda de informações no processo, e ocorre demanda por um maior envolvimento por parte dos alunos com a internacionalização em si. O site necessita ser atualizado, consistindo assim uma primeira etapa para melhorar a disponibilização das informações, bem como a exposição dos convênios e trabalhos desenvolvidos, podendo assim gerar melhoria na imagem e na comunicação do International Office. Maiores entraves são pessoais, burocráticos na busca por recursos e envolvimento cultural de todos de uma maneira geral. A CRint da FEA-RP possui convênios firmados com 31 países a nível de graduação, no entanto, as vagas disponíveis não são completamente preenchidas a cada semestre, sendo que desde 2007 (ano em que a FEA-RP passou a ter seus próprios convênios), os alunos que realizaram intercâmbio abrangeram um total de 15 países apenas.

A partir da revisão bibliográfica, propõe-se o modelo de educação internacionalizada centralizada, abrangente, e que se estruture através de processos. Constitui-se o seguinte legado do estudo: proporcionar bases para o desenvolvimento de uma internacionalização sustentável para a FEA-RP, enquanto universidade de classe mundial, além de comunicar as ações e iniciativas de internacionalizando, objetivando a promoção da cultura internacional e o interesse dos alunos em um ambiente participativo internacionalmente.

REFERÊNCIAS

- Altbach, Philip G. & KNIGHT, Jane (2007). The internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education*. doi: 10.1177/1028315307303542
- Association to Advance Collegiate Schools of Business (2012) Disponível em: <http://www.aacsb.edu> . Acesso em: 1 de abril, 2012.
- Coryell, J. E., & Durodoye, B. A., & Wright, R. R., & Pate, P. E., & Nguyen, S. (2010). Case Studies of Internationalization in Adult and Higher Education: Inside the Processes of Four Universities in the United States and the United Kingdom. *Journal of Studies in International Education*.
- Enders, Jürgen (2004). Higher Education, internationalisation, and the nation-state: Recent developments and Challenges to governance theory. *Higher Education* 361-382.
- Financial Times Lexicon (2012). Disponível em: <http://lexicon.ft.com>. Acesso em: 1 de junho, 2012.
- Gürüz Kemal (2008). Higher Education and International Student Mobility in the Global Knowledge Economy. Albany, NY: *Suny Press*.
- Hudzik, John K (2011). Comprehensive Internationalization, from Concept to Action. *Association of International Educators, National Association for Foreign Student Affairs [NAFSA] [USA]*. – Washington, DC: NAFSA.
- Lima, M. C; & Contel, F. B.; & Gracioso, A. (2008). Vamos todos para passárgada? XXXII EnANPAD.
- Minayo, M. C. S. (1993). O desafio do conhecimento. São Paulo, SP: *Hubitec-Abrasco*.
- Morosini, Marília C.(2011). Internacionalização na Produção de Conhecimento em IES Brasileiras: Cooperação internacional Tradicional e Cooperação Internacional Horizontal. Edição em revista, Belo Horizonte, v.27, p.93-112.

NAFSA: Association of International Educators. Disponível em: <http://www.nafsa.org> .

Acesso em: 30 de março, 2012.

Plano de Desenvolvimento Institucional (2012-2017). Disponível em:

<http://www.usp.br/gvr/pdf/PDI-versao23.11.2011.pdf>. Acesso em: 10 abril, 2012.

Qiang, Zha., (2003). Internationalization of Higher Education: towards a conceptual framework. *Policy Futures in Education*, Volume 1.

Regimento Interno da FEA-RP. Disponível em:

http://www.fearp.usp.br/arquivos/congregacao/regimento_fearp/regimento_fearp.pdf.

Acesso em: 03 de maio, 2012.

Relações Internacionais – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em:

<http://www.ccint.usp.br>. Acesso em: 3 de maio, 2012.

Scott, Peter., (2000) *Globalisation* and Higher Education: Challenges for the 21st Century.

Journal of Studies in International Education, Spring , vol. 4 n^o 3-10

Teichler Ulrich., (1999). Internationalisation as a Challenge for Higher Education in Europe.

Tertiary Education and Management, vol 5, number 1.

Van Der Wende M.C., (1996). Internationalising the Curriculum in Higher Education. In

Internationalisation of Higher Education. Paris: OECD.